



ENTRE RIOS, TAPETES E INTENÇÕES EDUCATIVAS: A NARRATIVA DE UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO EM COMUNIDADE RIBEIRINHA NO PERÍODO PANDÊMICO

Tatiane Zabala Gomes¹

Prefeitura Municipal de Corumbá/MS e Instituto Acaia

Julio César Flores Franco²

Prefeitura Municipal de Miranda/MS

Resumo: A pandemia que parou o mundo em 2020 e 2021 trouxe danos para todos os setores da sociedade, e com a Educação não foi diferente. Este presente relato de experiência traz uma narração profunda feita por professores agentes atuantes do processo de “aulas domiciliares”, que aconteceram nos dois anos de pandemia no Pantanal Sul-mato-grossense em uma escola das águas às margens do rio Paraguai chamada Escola Municipal Rural de Educação Integral Polo Paraguai Mirim e extensões - extensão Jatobazinho, que levou professores a transformarem a casa dos alunos em um espaço de educação, fazendo com que o vínculo com os alunos não se perdesse, assim como o desenvolvimento dos mesmos também não. O que colhemos dessa experiência não se resumiu ao que diz respeito à escolaridade. Trazemos aqui os anseios vividos de professores que enxergaram a pandemia e as queimadas no pantanal, visualizando as mazelas da sociedade tão de perto que não foi possível desassocia-la da nossa prática cotidiana. Outro aspecto relatado são os espaços educadores, que com a ausência do espaço físico da escola, mostrou o espaço físico dos quintais ribeirinhos, de seus chãos e os tapetes, se tornando um simbolismo e um espaço delimitado com possibilidades de ensino. Além do mais mostramos mais uma forma da construção do papel do professor, como aquele que se coloca como parte da comunidade e adentra em seus recintos, entregando sua sensibilidade e escuta ativa de inquietudes.

Palavra-chave: Educação ribeirinha; Escola na pandemia; Aulas domiciliares.

¹Mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Professora da Rede Pública de ensino do Município de Corumbá, atual Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal Rural de Educação Integral Polo Paraguai Mirim e extensões - extensão Jatobazinho.

²Graduado em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e em Pedagogia pelo Centro Universitário Fael (UNIFAEL). Foi professor da Escola Municipal Rural de Educação Integral Polo Paraguai Mirim e extensões - extensão Jatobazinho no período relatado. Atual professor da Rede Pública Municipal Ensino de Miranda.



Escola do rio

Quando pensamos em escola e seus agentes, pensamos em professores e alunos cotidianamente. O espaço escolar revela muitas coisas, principalmente as relações que nela são criadas. Britto (2015) relata que

Aprendemos na escola coisas importantes para serem vividas e pensadas fora dela; o que aprendemos na escola usamos para participar da sociedade, para compreender e indagar as formas de realização e de compreensão da vida, as formas como se produz, se transforma, se distribui. E isso significa sobretudo um processo de intensa interação entre as aprendizagens escolares e as que se adquirem pela ação direta no ‘mundo lá fora’. (BRITTO, 2015, p. 35).

Mas em 2020 e 2021 houve uma quebra dentro da sociedade movimentada pela doença que assolou a sociedade mundial: a COVID-19. Sendo a escola espaço de socialização e do organizar-se no mundo, esse período cortou essa principal característica escolar. O contexto social da Escola Municipal Rural de Educação Integral Polo Paraguai Mirim e extensões - extensão Jatobazinho, ou como é popularmente conhecida, Escola Jatobazinho, é de pertencer a uma comunidade ribeirinha do Pantanal do Paraguai, localizado às margens do Rio Paraguai e 90 km da área urbana do Município de Corumbá. É uma escola municipal que mantém uma parceria com o Instituto Acaia - Acaia Pantanal, sendo ele o maior mantenedor financeiro dos projetos da escola. A Jatobazinho tem como sua essência ser uma escola em regime de alternância, proporcionando uma convivência de educadores e alunos muito próxima e afetiva. As crianças trazem vida ao local desde a hora que acordam até o momento de dormirem. O início da pandemia trouxe um vazio ao espaço e uma falta de sentido no processo educativo. Qual seria o sentido?

Esse relato de experiência tem por objetivo contar as impressões do processo que chamaremos de “aulas domiciliares”, através do viés de agentes atuantes. Ela se iniciou em 2020 quando as aulas presenciais pararam de acontecer. Neste ano relatado o contato social foi cortado generalizadamente. Sem os alunos, o que faria uma equipe de docentes que precisaram se retirar do espaço escolar e trabalhar em suas casas? O primeiro passo das aulas domiciliares, mesmo antes dela ser pensada, foi o foco na formação dos professores. No início o pensamento era aproveitar o momento para dar a maior bagagem possível para os professores atuarem, assim



que as aulas voltassem. Porém as aulas demoraram mais tempo do que todos imaginamos para voltar presencialmente, então em 2021 as aulas domiciliares iniciaram de forma efetiva.

Para que ela pudesse acontecer, decisões foram tomadas. A primeira foi a permanência de toda a equipe da escola, contando com a pedagógica e a operacional, durante um mês inteiro. Dessa forma, a doença que ainda assombrava seria evitada de ser passada para a comunidade. Após um mês, havia uma semana de folga para toda a equipe e ao voltar para a escola, todos éramos testados através de exames. A segunda, foi a logística de agrupamento de maior quantidade de alunos em um porto. A realidade da comunidade é de casas isoladas, longe uma das outras. Geralmente a semana do professor é dividida em disciplinas. A nossa nesse momento, era dividida em portos.

Quadro 1 - A semana nos portos

Segunda-feira	Terça - feira	Quarta - feira	Quinta - feira	Sexta - feira	Sábado
Planejamento e elaboração de material	Porto Mangueira	Porto Tamarineiro	Porto 5 de julho	Ouro Verde	Planejamento e elaboração de material
	Porto Choupana da Jurema	Porto Ilha da Amizade	Porto figueira	Escola Jatobazinho	
	Porto Sucuri	Porto Jerusalém	Ilha da Sorte		
		Porto Figueirinha	Porto Candelária		
		Porto do Paulo	Porto Nova Vida		

Fonte: dados coletados pelos autores.

E dessa maneira, cada professor iria ao seu destino onde encontraria o maior número de alunos de sua turma. Nessa organização, cada aluno teria um dia inteiro de aula dedicado a ele.

O que vai na caixa transparente?

A sensação de pertencimento a uma nação global, se fez, por meio de uma catástrofe, onde os questionamentos foram incessantes, reformulados, desafiantes em diversos aspectos. Um desses eixos abalados pela pandemia do Covid-19 foi a educação, não haviam respostas



prontas, na internet nenhuma receita a ser seguida, as inovações tecnológicas não podiam nos salvar de imediato, estudar o que estava acontecendo era a solução, em um período onde no Brasil a ciência passava por uma profunda desvalorização, como se segurasse uma pequena lanterna surgiram estudiosos de diversas áreas e campos de atuações, uns lutavam para encontrar uma possível cura, outros para compreender de qual modo as mentalidades encarariam as mudanças e até mesmo quais alterações eram possíveis de prever. Havia aqueles que tentavam conservar a essência do ensinar, enveredando por novos e conflituosos caminhos. Em muitos lugares tudo parou, mas o cérebro humano retoma o seu espaço de valor.

Um desses grupos que borbulhavam em dúvidas e ideias, estavam no meio do Pantanal, entre rios, matas e esperança, o que seria do professor sem a esperança, transformar o que era visto como abstrato, em matéria e prática, com materiais que estavam em desuso ou atribuindo novos sentidos aos já existentes. O medo ganhava forma, de onde veio a coragem, ainda não se sabe ao certo. Reelaborando a rota milhares de vezes, a mente vagava por diversos espaços, buscando amenizar a aflição, pois em sua afetividade pessoal, o maior desejo era que os lares se mantivessem seguros, e ao mesmo tempo manter o profissionalismo com aqueles por quem eram responsáveis por ensinar.

A imersão nesse desconhecido universo da educação em processo pandêmico, numa escola das águas, fez desbravar um local pouco conhecido: a casa dos alunos. Daqueles que em sala, durante os jogos, nas brincadeiras, nas oficinas já eram conhecidos, mas ao mesmo tempo, quando estavam no quintal de casa, eram outros.

Figura 1 - A literatura que navega



Fonte: Acervo Acaia Pantanal, 2021.



Era de suma importância se preparar, formações continuadas, trocas de experiência, pesquisas, mão na massa para a produção de materiais e o acesso a informações. Selecionar era um ato de comprometimento, era preciso evitar pesos desnecessários, tudo era calculado, dentro de uma expectativa para que não se perdesse o elo do aprendizado. Tudo que precisávamos para as aulas deveriam caber dentro de uma caixa. Sendo elas acrílicas ou de feira, era recheada de possibilidades. Era necessário arrumar a caixa todo dia, pensar em cada aluno, nas casas, e no chão que seria pisado. O que fosse levado causava brilho nos olhos, jamais imaginava-se em levar a escola para dentro de casa. Foi necessário ser sensível aos momentos, já que não eram somente os alunos que aguardavam, estávamos promovendo o contato de toda uma família com a escola, junto do movimento do aprendizado, do resgate e troca de saberes, e até mesmo o crescimento da valorização que o ensino e o educador precisam ter.

Dentro das caixas inicialmente acreditava-se que transportavam somente materiais didáticos, mas se aproximarmos uma lupa nesse contexto, assim como na caixa de Pandora narrativa presente no livro lido pelos alunos, sobre mitologia grega, pode ser feita uma comparação, porém ao contrário, pois ao abrir a caixa embaixo da árvore ou da pequena e ajeitada varanda, os sentimentos bons e sensações únicas tomavam conta do espaço. Aos poucos, mesmo com certa timidez e receio as caixas transparentes atraíam olhares curiosos e atentos para esse instante de se permitir imaginar, livros, jogos, cadernos, números, cordas, bolas, cartas, cores, papéis entre outros materiais que se transformam ao encontrar os alunos e todos aqueles que por ali estavam. Ainda não se sabia se estes eram os caminhos corretos, mas o importante foi que não se parou de caminhar, ou melhor, de navegar de encontro a quem se arrumava todo para esperar a escola chegar.

Hora de varrer o quintal!

Ao combinar o dia com as famílias, começavam os preparativos de todas as partes envolvidas. Na escola os professores se organizaram para realizar as atividades e nas casas o trabalho também começava: varre o quintal, arrumam-se os bancos, separa a melhor roupa, limpa a casa, recolhe o que não contribui para o momento. Essas eram algumas das ações que foram geradas com esse novo modelo de aulas domiciliares.



Com o tempo, passamos a sentir um ar de festividade quando chegávamos nas casas, mas ainda havia a preocupação da contaminação pelo vírus. Houve lares que não nos receberam, pois ao se tratar de algo desconhecido, surgiram um misto de informações falsas e até mesmo a desinformação, sendo necessário todo um cuidado, como uso de máscaras, álcool, e apesar da aproximação foi preciso evitar abraços.

Manoel de Barros dizia que “meu quintal é maior que o mundo”, e descobrimos com as visitas e atividades, o quanto este era um mundo que os alunos gostavam de nos apresentar. Eles mostravam seus lugares favoritos, onde mais gostavam de brincar, as plantas que ajudavam a cuidar, os animais que por ali viviam, era uma imensidão a ser explorada, nesses diálogos tão íntimos a conexão com os alunos se tornava mais forte, a escola era um local conhecido pelos educadores, mas o quintal era deles. Havia uma troca profunda de saberes, pois eles nos mostravam as frutas da época, algumas desconhecidas em uma cultura mais divulgada, mas para os ribeirinhos e pantaneiros era algo natural, que pertenciam a eles. Aquela era a construção de suas histórias de vida e estavam sendo compartilhadas enquanto cresciam e se relacionavam com o espaço em que viviam.

Proporcionaram o acolhimento que também precisávamos, já que estávamos vivenciando a distância das nossas famílias e nos aproximando da família deles, evitando contato com a área urbana, de modo que não comprometesse a estabilidade do local.

Foram períodos de testes constantes, dolorosos, invasivos, mas os objetivos de manter a educação ativa eram guias primordiais, assim como, manter o vínculo empregatício que nos resguardava da crise econômica que ascendia com força. De certo modo, em alguns dias, os questionamentos apareciam, a força diminuía, às vezes chegamos a pensar que não éramos fortes o suficiente. Muitas vezes apareceu a palavra desistir mas existia algo maior, que não é possível mensurar, nem mesmo descrever, mas que renascia em cada um, a vontade de não desistir prevalecia, também fomos humanos com nossos parceiros de jornada.

De volta aos quintais, entrar, correr, pular, brincar naquele chão, nos trazia para uma realidade paralela, desfrutamos da convivência que praticamente o mundo todo foi privado, tempos tão incertos, mas que hoje, transformou todos que participaram dessas intervenções educativas, na tentativa de oferecer o melhor, dentro da realidade que estávamos vivendo.



Tapetes espalhados: Tem gente estudando!

Dentro das propostas formativas, incentivadas e mantidas pelo Instituto Acaia, estão as possibilidades de identificar, reconhecer, explorar e criar espaços educadores, no qual o local onde os estudantes estão inseridos possam dialogar com a intencionalidade da proposta educativa, a tal modo que se torna uma composição de encontros, utilizando o que está disponível fisicamente, as propostas de ensino que foram planejadas, os recursos pensados para aquela ação e a sensibilidade no olhar de quem preparou a aula, para despertar naquele que participará de maneira dinâmica de um momento de ensino. Teixeira e Reis (2012) consideram em seu trabalho absolutamente necessário melhorar o espaço escola/sala de aula, tornando-o mais acolhedor, mais humano, mais bonito; um espaço que permita a interação e em que seja agradável trabalhar. Não é possível pensar em práticas de ensino que ocorram no vazio, é necessário situá-las no contexto em que se inserem. Foram sendo atribuídos simbolismos referentes a determinados materiais, assim como a caixa que despertava encanto e curiosidade, era preciso delimitar o espaço de ensino, um território para que o aprendizado pudesse tomar conta.

Resgatamos a imagem de um quintal extenso, com uma singela casa ao meio e muitas sombras, alguns bancos e uma mesa, e pelos quintais espalharam-se os tapetes, que já eram muito conhecidos pelos alunos. Nele, em sala de aula habitualmente eram feitas rodas de conversas e os combinados eram ali discutidos, em dia de cinema o seu público esperava animado pelo filme com pipoca, mas agora era diferente, os tapetes eram carregados enrolados dentro dos barcos, cada professor com o seu, desciam no porto onde fossem dar aula. Aquele material com medidas definidas se tornava um universo de possibilidades, nele existiam sujeitos históricos que almejam qualidade de educação. O que cada vez menos ele tinha era tamanho definido, se tornando fundamental para essa nova composição de sala de aula.

Os materiais ganham sentidos essenciais ao trabalho realizado, permaneciam constantemente presentes, durante as aulas, nos recreios e lanches, após o almoço. Virava até biblioteca, naquele espaço o que era pensado para as aulas, se concretizava dentro e fora dele, mas estava ali, como um lugar que acolhia as ideias, a imaginação e o que mais importava, firmava o elo entre professor e aluno em tempos de pandemia.



Mapeamentos e rotinas para as aulas domiciliares

No livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, no subcapítulo intitulado “ensinar exige bom senso”, o autor disserta sobre aquilo que trazemos no nosso interior e que são essenciais para nos tornarmos bons educadores. De acordo com Paulo Freire:

É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (FREIRE, 2011, p. 62).

Quando ele chama atenção para as condições de vida dos alunos, alheias à escola, nos deparamos com a realidade nua e escancarada quando suas casas viraram escola. Como ensinar se um aluno aparece com fome para estudar? Como ensinar um aluno que não traz consigo um casaco em meio ao frio? O que nós educadores precisamos parar para refletir ao planejar aulas para esse público? Essas inquietações permaneceram durante toda nossa rotina nas aulas domiciliares.

No início chegávamos e iniciávamos a aula, com o tempo percebemos a necessidade de iniciar com o lanche, que era oferecido para todos da casa e não somente para os alunos, esse olhar sensível foi sendo treinado pela realidade, muitas vezes a fome era assunto comum nas aulas e entre os educadores. Sentimos que o espaço escolar não era somente um espaço para o aprender, mas também para oferecer qualidade de vida, já que nele as refeições acontecem 5 vezes ao longo do dia.

O lanche e o recreio compunham parte do trabalho realizado, os monitores preparam os espaços para as brincadeiras, levavam inúmeros materiais e jogos, para que os alunos pudessem resgatar o elo com a escola e tudo que ela oferecia, a animação era tanta que os alunos verbalizaram “Nossa, a escola trouxe tudo, tem até lanche e recreio!”

Foi preciso aprender a lidar com as adversidades climáticas, pois foram constantes, a sensação de queimaduras no rosto e a constatação da vermelhidão, tanto pelo famoso sol forte



do pantanal, quanto pelo vento gelado no rosto dos dias frios, encarar os banhos gelados, a temperatura de 6° C no rio, coloca casaco, várias calças, leva a coberta, de todo modo saímos para nossos encontros diários. As ondas no rio, que balançavam o barco e tudo que estava dentro, alguns sinais apareciam, dores nas costas, gripes, peles descamando, cansaço. Mostrando o quanto o ser humano é apenas uma parte na natureza e jamais a dominará.

É preciso ressaltar aqui, que nesse período, como até hoje, o acesso à internet e a rede de celular é limitada para muitas famílias, assim, era difícil desmarcar os encontros, alguns alunos saíam no dia anterior para nos esperar chegar, alguns saíam enquanto o sol nem havia acordado, desmarcar as aulas não era uma opção, pois mesmo com o mal tempo, alguns alunos já nos aguardavam. Encontramos muitas vezes alunos que saíram de casa e o tempo estava ensolarado, mas agora fazia frio e não trouxeram casacos, conforme fomos percebendo essa situação, os monitores separavam calças e casacos, para que os alunos pudessem se aquecer e participar bem das aulas, pois até mesmo com esse clima, as aulas continuavam nos quintais, pois as casas em sua maioria são pequenas.

Dentro desta narrativa, é possível perceber que conforme experimentamos determinada situação, mudanças aconteciam, não foi diferente com nosso almoço. Inicialmente, cada professor descia com sua marmitta no porto onde ficava, porém o almoço era um momento de partilha e a comunidade sempre buscava uma forma de oferecer algo durante essa pausa.

Depois de um tempo de sondagem, em decisão coletiva, oficializou a sugestão que já agradava a todos, decidimos conversar com as donas da casa, e perguntar, caso a escola mandasse os ingredientes, se elas poderiam fazer o almoço, para todos da casa e educadores. A ideia foi muito bem recebida, transformando o momento da partilha em uma grande celebração, entre risos e histórias, observando a configuração familiar, estávamos dentro, as famílias comumente ofereciam além do que levamos, preparavam um peixe frito, uma farofa com farinha feita por eles, colocavam frutas colhidas nas roças, os professores saborearam com muito leite e as famílias sentiam que estavam retribuindo pelo nosso trabalho.

Quando ficou definido o retorno para a escola as famílias sentiram de forma pesarosa, alguns relatos desse período, registrados com saudosismo.

“minha casa fica colorida com vocês...”

“me senti importante, ligava para minha irmã e dizia, aqui no quintal de casa tá tendo aula...”



“e agora? eu gostava tanto de cozinhar procês ...”

Talvez, o maior resultado das aulas domiciliares, foi aproximar a família com a escola, muito mais, pois a escola precisava deles naquele momento, para que eles pudessem nos receber, fazendo parte de um movimento histórico em período pandêmico. Quando aconteceram as reuniões de pais na escola, tivemos as maiores frequências registradas, era preciso ter vivenciado essa experiência, restabelecendo a conexão e compartilhando a ideia de que a casa e a escola são unidas por uma ligação do processo de ensinar e aprender. Os pais deixaram de ser somente os pais dos nossos alunos. Eles tinham nomes, histórias e vivências, assim como os alunos e seus lares.

Em chammas: Lutas, rupturas e a força da educação dentro dos lares pantaneiros

Retomar na memória o período de 2020 e 2021, quando relacionamos com a “época” da pandemia, precisamos considerar a realidade pantaneira como também sendo a época das queimadas. Esse momento inflamou em nossos desejos e falas, a luta por justiça, a busca de auxílio, o tempo que ganhava aceleração natural, chegar no ano de 2021 com as marcas tristes do que foi queimado em 2020, tirava nossa esperança. Lembrar das labaredas altas, da fumaça que tirava os sentidos, da reunião de esforços para conscientizar, sensibilizar e mostrar ao mundo que o Pantanal estava em chammas. Queimando a comunidade escolar, nossos alunos e tudo o que eles mais amavam, relatos e mais relatos tristes das queimadas, a perda de casa, animais de estimação, plantação, trabalho, inúmeros outros aspectos foram perdidos.

Adentramos 2021 com a esperança de que fosse diferente, que as pessoas deixassem de se acostumar com a “época” das queimadas, e que parassem de colocar fogo nos quintais e pastagens, porém, nem tudo foi diferente, ao subir o rio, em direção a escola, era possível enxergar novamente os rastros do fogo, árvores a luz do dia pegando fogo, suas copas em chammas e ainda enfrentando uma pandemia, algo precisava ser feito. Campanhas, chamados de emergência, a escola virou ponto de apoio e depois veio a se tornar brigada oficial de combate a incêndio, as pessoas procuravam a escola para pedir ajuda.

Tentando reerguer a educação enfrentamos tempestades de cinzas, o que levava mais de horas para ser limpo, em segundos era invadido por terra e cinza que o vento carregava a longa distâncias, despejando em nós, o Pantanal, transformado em pó.



Cinza eram todos os nossos sentimentos, a alegria de poder reencontrar os alunos, se tornava nublado, eram tempos quentes e mais escuros, pouca expectativa de salvar o que ainda restara. Em frente à escola, árvores gigantes caíam em chamas, nas aulas domiciliares, crianças, pais e quem mais pudesse, relataram a insatisfação de ter que passar por esta situação, mesmo que tivessem pessoas trabalhando para reverter, ainda não era suficiente.

Questionava-se qual viria ser o nosso papel em meio ao caos, discutimos quase sempre esse assunto, nas rodas de conversa, era preciso escutar o que os alunos traziam consigo, suas preocupações, angústias e desejo de que tudo pudesse melhorar, fizemos o que entendemos como o necessário, escutamos atentamente, acolhemos as falas e problematizamos, era nosso dever promover o debate e o esclarecimento, mesmo quando não tínhamos todas as respostas. Era uma forma de mostrar o seu papel dentro da sociedade, que suas falas para os professores deveriam ser ouvidas por muitas outras pessoas, a situação era de vulnerabilidade, mas entre ela brotava a essência de cidadãos conscientes e que a tornam parte de uma cultura, mesmo distante dos grandes centros, os nossos ouvidos escutavam ideias que um dia podem transformar o mundo. Esse era um dos papéis, mostrar para aquela criança e sua família que eram importantes para a construção de um mundo mais justo.

Segundo Krenak (2020), de que forma estamos dando a real importância para quem vai vivenciar esse futuro que tanto planejamos? O que estamos ouvindo?

Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras? O.k., você vive falando de outro mundo, mas já perguntou para as gerações futuras se o mundo que você está deixando é o que elas querem? A maioria de nós não vai estar aqui quando a encomenda chegar. (KRENAK, 2020, p. 68).

Se perguntarmos para um professor, como ele imagina o mundo, provavelmente, ele irá pensar em seus alunos, o que eles diriam ou escolheriam, muitas vezes, sabemos muito mais sobre eles do que sobre nós, mas quando lembramos, damos conta de que eles se inspiram em nossas ações, comportamentos, jeito de ser, de vestir, querem ser iguais a nós. Por isso, o professor precisa se autoconhecer, auto cuidar e perceber que somos importantes para a realização dos sonhos de nossos alunos. A escuta ativa faz parte do nosso papel, mas muitas vezes esse sentido ainda precisa ser despertado.



Enxergamos dentro dessas circunstâncias mais difíceis, que a educação se constrói a cada dia com lutas e rupturas, para que possamos acessar um novo espaço do conhecimento, fomos colocados dentro das casas, entre encantos e belezas, mas vimos mazelas, violências e descaso. Em conjunto demos apoio, seguramos as mãos, rompemos com ciclos ruins, libertamos, não com muito barulho mas com bastante cuidado, em meio a estruturas falhas, tentamos mostrar que estar ali, representava segurança e esperança, nas entrelinhas de um abraço, uma fala no ouvido, um olhar assustado, um encontro com poucos sorrisos, cansaço e pequenas mãos calejadas, sinais de que a infância não está sendo preservada.

“Até semana que vem...”

Com o encerramento de cada semana, existia uma esperança de voltar à normalidade, com o passar do tempo, entendemos que nada voltaria para seu lugar de fato, fomos abalados e sacudidos, o mundo estremeceu, bases sólidas e excludentes se desmontaram ou racharam, mostrando que todos estavam suscetíveis ao fim, independente da classe social. Mas sabe-se que, se algo que era ruim, poderia piorar, nesses encontros das aulas domiciliares, nos deparamos com a fome, com a falta de dinheiro, com a pobreza extrema, mesmo que as pessoas mantivessem o sorriso de cada chegada, era nítido que precisavam de ajuda.

Por muitos caminhos encontramos a esperança, a fé, o autocuidado, a empatia, ao fim do dia, após retornar para a escola, compartilhamos alguns detalhes que nos estremecia internamente. Era preciso se recompor e juntos reunimos forças, recolhemos nossos pesares e entendíamos que estávamos um passo à frente. Pode parecer o mínimo, mas dentro dos lares fomos o máximo e depois desse período jamais seremos quem éramos, mudamos, nos transformamos, professor em tempos de pandemia.

Como nas poesias de Manoel de Barros, estávamos ligados às coisas da terra, ao que acontecia naquele momento, o sonho era viver o agora, o professor como um artista que cria, inventa e compõem com suas sensações a proposta do ensinar, com os recursos que possuía.

Apenas quem vivenciou toda essa jornada sabe do que é capaz, se tornou mais forte, mesmo que tenha se sentido fraco enquanto caminhava, encerramos um ciclo para outros começarem. Sentimos na pele o que é ser um agente histórico, em um momento histórico. Continuando nossos ofícios o refizemos, afinal, quando relembramos, alguma coisa escapa à



memória, mas em um rumor uníssono, sabemos que foi uma troca justa, pois nos ensinaram muito dentro dos lares.

Aprendemos, para continuar ensinando, ensinamos por que alguém acreditou em nossa capacidade de inventar e criar, formações necessárias e o chão do quintal todo nosso, brincamos, pulamos, calculamos, jogamos, lemos, ficamos com muita poeira, nos encantamos e rimos, sequer imaginando, que um dia esses fatos seriam contados. Era apenas o nosso trabalho, eram apenas seres humanos, cheios de sonhos iluminando outros sonhos e sonhadores em uma pequena parte do Gigante Pantanal.

Referências

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso** - Leitura e formação. 1. ed - São Paulo: Pulo do gato, 2015.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não nascemos prontos**: Provocações filosóficas. 19. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MANOEL DE BARROS – O Apanhador de desperdícios. Tudo é Poema, 2020. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/manoel-de-barros-o-apanhador-de-desperdicios/>. Acesso em: 31 de Março de 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KIMMEL, Eric A. **Mitos Gregos**. Recontados por Eric A. Kimmel ; Tradução Monica Stahel. - 3 ed. - São Paulo : WMF Martins Fontes, 2013.

TEIXEIRA, Madalena Telles; REIS, Maria Filomena. A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. **Meta**: Avaliação, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p.162-187, mai./ago. 2012.